

## GESTÃO SUSTENTÁVEL

# Reciclagem e o excesso de carros



Isabel Santos  
Consultora da  
Keyassociados, consultoria  
especializada em negócios  
sustentáveis



Talita Marão  
consultoras da  
Keyassociados, consultoria  
especializada em negócios  
sustentáveis

**I**ncentivos fiscais e facilidade de crédito somados ao precário sistema de transporte público levaram milhares de brasileiros a adquirir automóveis, especialmente os zero km. De acordo com o Denatran- Departamento Nacional de Trânsito, em dezembro de 2013 a frota no Brasil chegou a espantosos 81.600.729 veículos, sendo que só na cidade de São Paulo estão concentrados 8% de toda a frota nacional, o que corresponde a um total de 7.010.508 automóveis.

O impacto mais palpável do número crescente de usuários do transporte individual não é novidade para ninguém: o trânsito caótico que assombra a vida de moradores dos grandes centros urbanos. Entretanto, embora pouco divulgado, outro grande impacto gerado devido ao aumento da compra de carros novos é a gradativa acumulação dos automóveis que saem de circulação, seja por perda total, obsolescência ou mesmo abandono.

A solução encontrada para o problema, em muitos países, é a reciclagem dos veículos. A ação resolve de uma só vez quatro grandes problemas públicos: libera espaço nos pátios destinados aos carros fora de uso, o que, consequentemente, diminui gastos com o armazenamento desses bens; evita que as peças desses veículos sejam vendidas no mercado clandestino; previne acidentes ambientais por conta

da destinação incorreta de materiais; e reduz o uso de novas matérias-primas utilizadas para a confecção de novos automóveis.

Porém, apesar das vantagens econômicas, sociais e ambientais dessa iniciativa, o Brasil está ainda muito atrasado em relação ao tema. Enquanto que nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, 95% dos carros fora de circulação são encaminhados para a reciclagem, em nosso país esse número está em torno de apenas 1,5%.

Mesmo assim, há no Brasil algumas iniciativas interessantes. Na esfera governamental, é possível citar algumas ações dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, como a criação do projeto Pátio Legal, que tem como objetivo a destinação ecologicamente correta e socialmente responsável dos carros que por algum motivo estão abandonados nos pátios dos Departamentos de Trânsito (Detran) desses estados.

As seguradoras também visualizam alternativas para a superlotação de seus pátios e iniciam algumas ações relevantes, que trazem também consequências positivas para o lado socioambiental. Diagnosticada a perda total de um automóvel, seja por colisão ou qualquer outra justificativa, este é encaminhado para o pátio, onde são verificadas peças soltas e possíveis fluidos em reservatórios internos. As pe-





Imagem: www.jornaldassoftwares.com

ças que podem ser reutilizadas ou recicladas são encaminhadas às empresas especializadas e os fluidos seguem para tratamento e destinação adequada.

O Grupo BB e a Mapfre têm iniciativas nesse sentido. Os resultados vão desde redução de emissões de CO<sub>2</sub>, passando pela não contaminação de solos e lençóis freáticos, e chegando à redução da utilização de novas matérias-primas, com a reutilização da sucata produzida.

Ações como essas além de minimizar o impacto ambiental desses bens duráveis que chegam à aposentadoria, contribuem para gerar trabalho e renda, por exemplo, em cooperativas de reciclagem. O ganho maior desse tipo de iniciativa, entretanto, vai além dessas importantes conquistas imediatas, elas servem como forma de alertar a sociedade de que é necessário repensar o modelo atual de consumo de bens duráveis, chamando a atenção ainda para os impactos indiretos desse consumo.

**O Brasil está ainda muito atrasado em relação a reciclagem de veículos. Enquanto que nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, 95% dos carros fora de circulação são encaminhados para a reciclagem, em nosso país esse número está em torno de apenas 1,5%**

Isso é significativo visto que as sociedades vêm experimentando um padrão criado na década de 1920, no qual os consumidores foram estimulados a trocar seus automóveis de modo frequente. Na época, a ideia era garantir o consumo, não satisfazendo o consumidor por completo. Com isso, a indústria automobilista criou o

conceito de “carro do ano”, fazendo com que os consumidores fossem instigados a trocar de carro anualmente, aumentando as receitas das grandes montadoras. Impactos desse padrão são visualizados nos dias de hoje e são preocupantes.

A mudança de comportamento é latente. Repensar o consumo desenfreado de bens duráveis e destiná-los corretamente são questões que devem ser consideradas pela sociedade, pelo governo e pelas grandes fabricantes de automóveis. Devemos nos questionar, considerando que conceitos como “logística reversa” e “obsoles-

cência programada” não convivem no mesmo espaço, no mesmo tempo. 🌱